

CLIPPING

06 de Março de 2020
O Liberal – Cultura, 02– Arte.

RECORDAÇÕES

Sob o triste sorriso da saudade

PERDA - Amigos foram se despedir de Maria Sylvia no Museu da Universidade, onde seu corpo foi velado ontem. De lá, hoje à tarde, seguirá para o crematório.

PERDA - Amigos foram se despedir de Maria Sylvia no Museu da Universidade, onde seu corpo foi velado ontem. De lá, hoje à tarde, seguirá para o crematório.

JOÃO CARLOS PEREIRA
Especial para O LIBERAL

Nos pequenos grupos que se formavam nos salões do Museu da Universidade, onde foi velada, via-se o triste sorriso da saudade. Lorena Souza lembrava de nossos encontros no Conselho Editorial do Estado. A poeta Edy-Lamar d'Oliveira recordava os momentos felizes no Conselho Estadual de Cultura. Gilberto Chaves, Pardal e Guto O de Almeida falavam de sua ligação com a música. Os amigos do teatro e da Universidade traziam para o presente as deliciosas histórias de sua vida dedicada ao ensino e ao palco.

Para quem a achava parecida com Nara Leão (e era muito, mesmo) dizia, brincando: a Nara é que é parecida comigo. Mais jovem, colocava a mão na terra e cuidava do jardim, onde floresceram orquídeas, avencas e samambaias. Depois a tarefa passou para o fiel escudeiro Tião. É ele quem cuida do jardim e do quintal. Maria Sylvia adorava orquídeas e chegou a ter um orquidário. As samambaias eram outra paixão. Nelas os passarinhos faziam ninhos e a dona da casa acompanhava o nascimento dos filhotes, atenta para que sua gata Bibi não importunasse os bichinhos.

Alegre, mas tímida e retraída, detestava falar em público. Sua simplicidade,

às vezes, beirava a ingenuidade. Numa ocasião, atendeu o telefone (fixo, claro) e, do outro lado, uma voz agressiva anunciava que sua filha havia sido raptada e, caso desejasse vê-la com vida, precisaria pagar resgate. Sem entender que se tratava de um golpe praticado de dentro de presídios, respondeu, delicadamente: "o senhor deve ter ligado para o número errado. Eu não tenho filhos. E desligou". Essa era Maria Sylvia.

No último dia 21 de novembro, a filha número 3, Maria Regina, ouviu dela um lamento raro: "hoje era aniversário do Bené e eu sinto muita saudade dele". No seu jardim, ao pé de uma roseira constantemente em flor, foram depositadas as cinzas do filósofo. Por sua vontade, as suas serão colocadas no mesmo lugar.

Enquanto a festa no céu não acaba, a filha-poeta, Lilia Chaves, redesenha a paisagem, lembrando Manuel Bandeira: "os móveis, os livros, o jardim, tudo flutua naquela casa." E Maria Sylvia viverá para sempre no que de melhor houverem nós.

Num canto do jardim do Museu da Universidade, Carlos Sampaio, solitariamente, chorava. No livro de registros, a diretora da Editora da UFPA, Simone Neno, fez um coração ao lado do seu nome. Nada foi tão expressivo, como essas duas cenas, para dizer, silenciosamente, o quanto a amávamos.



Por sua vontade, suas cinzas serão depositadas junto às de Bené, no pé da roseira, no quintal da casa da Estrella"



Quando a achavam parecida com a Nara Leão - e era muito - dizia: a Nara é que é parecida comigo"



Lília, Maria Regina, Nelson e Andrea Sanjad, Gilberto Chaves, Guto Ó de Almeida com Maria Sylvia: ternura que virou saudade